

# ANARCOCANIBALISMOCÓSMICO

Leonel Olimpio<sup>1</sup>

O anarcocanibalismocósmico não é só um manifesto. É uma experimentação, é uma tentativa de experimentar, imaginar, pensar o outro, e assim, um outro ser.

Ontologia anárquica.

Não se trata, portanto, de apenas refletirmos se pensamos no Brasil, mas de que no Brasil, é possível pensar, é possível filosofar.

Acabemos com nossas próprias falsas resistências, mas que saibamos que somos existentes, que nós mesmos nos coloquemos, que nós mesmos pensemos.

A revolução é Caraíba, é Araweté, é Iguatu, é Yawalipiti, é mundo, é cósmica. É entremundos.

Uma gaia de gaiatos. Um viço do devir, uma estético-fuleragem.

Algum dia nos perguntamos pelo ponto de vista da Carnaúba sobre nós?

Pensemos com as plantas, as rosas, as flores, até as flores de plástico.

Mostremos que o folclore é uma realidade possível. Vislumbremos nossos jardins de Zaira!  
Vislumbremos nosso paraíso da miragem!

Ele não é resistência, ele é criativo, e afirmativo.

Que o ser se entranhe, que a magia aconteça. Que os raios apareçam, que o vento mexa, que o sertão desterritorialize.

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. É a favor da carnaúba e gosta de especular, até mesmo em nota de rodapé. E-mail: [leonelolimpio@icloud.com](mailto:leonelolimpio@icloud.com) ou [leonelolimpio@outlook.com](mailto:leonelolimpio@outlook.com)

A estrada está feita, é preciso criar suas novas ramificações.

É contra não só o stop do pensamento, mas contra o falso movimento, contra a falsa sensibilidade e o falso fluir.

O sonho pode ser em Tóquio, mas também em Feira de Santana, pode ser em Berlim, mas também em Iracema, pode ser em Manhattan mas também no Curió.

Contra aqueles que dizem que enxergam longe, veem o progresso, mas não veem nem de perto, nem de longe, só veem de um lugar, o do parar, o do raso, o do superficial.

A fome prática deve acabar, a especulativa nunca!

Que a aventura pessoal possa sempre existir.

Que o viço se torne virtude, que a *virtu* se torne viço.

O sertão não é ele mesmo resistente, mas ele é mesmo *existente*. Antes de tudo, ele existe e constitui a si mesmo a partir de sua própria potência. Criação anárquica. O sertão do matuto, do viçoso, do índio, do mestiço, e claro, do ocidental.

Falemos com Deus, Iemanjá, Oxum, mas nunca sozinhos, até porque não somos um só. O fluxo nunca para. Os deuses dançam, e que nós nunca paremos de dançar.

O ensaio como tese, a performance como nota, que a prova dos nove seja o movimento, sejam ondas!

Aos que fazem o Jimmy se render!

Fundir a fala, o verso, o corpo.

É preciso ser nômade. Canibal.

É a inesperada virtude do canibal. A inesperada virtude do gaiato.

Que o belo comova, portanto, faça mover. Mas mover-se dentro do ócio, e não do neg-ócio.

É preciso mover-se, pois isso não só se apresenta algo velado, porque está desvelado, mas a questão é fazer. Agir. Ação. O pensar como agir e também experimentação.

Comover. Mover junto, com outros, que são sempre outros. Aquele que anda descalço, que dorme de rede e até o que dorme na sarjeta, mas pensa, mas age, mas se comporta, que se afirma.

Aos que organizam o movimento, agenciam carnavais, fazem de tudo, mas nunca permanecem como tais.

Paula Nei disse que a imaginação é o prazer dos deuses. Comi-o.

Sejamos especulativos e imaginativos, e sempre dançantes, pois esta é também a virtude dos deuses. Deuses que dançam.

É preciso ser contra o "não estar bem", ou seja, é o prazer do ócio.

É contra o falso movimento do progresso. Não se trata, portanto, de viver no tempo a frente, mas de viver um *outro* tempo, um tempo conjugado por diversos seres.

Contra o xenófobo, o construtor de muros, o falante do nada. Contra os engravatados morais, contra os morais que falam de tudo, menos do que aprenderam com os Moraes.

Pensar não só com os homens e seus egos, mas com as plantas, as pedras, com as rãs de João Donato. É gorgondó, guereguedé, gazainguê, guiriguindi.

O Brasil pensa com os pés, com as mãos, com a cabeça, com tudo. É corpo. É corpo que sente, que fala, que devora e que cria.

É fazer com que Sarriá seja condição de possibilidade para isso, para isto, para aquilo. Quem perde é quem não comove. É o páthos do belo.

Para lá das fronteiras do Jaguaribe, do São Francisco, do Negro, do Amazonas. Para além. Além.

Que o tropical, o árido, o agreste, sejam vetoriais, cortantes, andantes e dançantes. Bailarinos. Requebrantes. Freviais. *Viçosos! Gaiatos!*

Que Fichte coma rapadura, Berkeley beba cachaça, Rousseau use sandálias e Nietzsche vista parangolés!

Esses fizeram algo de um algo modo, façamos de outro. Somos outro. Outros. Existimos.

Nunca esqueçamos: antropofagia, lei do mundo.

Impulso que pulsa. Pulsamos. Passapusso.

Canibal. Carnal. Carnaval.

Sexual. Sensual. Surreal.

Antes de Cabral já tínhamos a magia e a vida. Esquecemos de fazer as duas?

Agora é vivificar a nossa própria magia, a nossa especulação. Não deixemos o progresso vencer-nos.

Trupe. Tupi. Sem tropicão.

É a virada, a fusão. Deglutinação.

O samba não si importa se não há rima.

Toque, afeto, tesão.

É preciso aprender a usar o corpo, aquele mais esquecido pelo espírito.

O anarcocanibalcósmico sente e vive com aquilo que não é só antropos, ele experimenta aquilo que pulsa e vive, que transborda, perpassa e viça, corrói e pensa, especula e goza.

Que no antropoceno, o centro deixe de ser o antropo.

O homem não é centro, mas é um *lampejo*.

O anarcocanibalcósmico engole, e se cria a partir do caos. O anarcocanibalismocósmico é um movimento. Façamos.

É ser contra o raso dualismo, é mostrar que é possível pensar do árido, do seco, mas também do úmido, do abafado e não só do temperado.

A filosofia brasileira tem dançado muito pouco, quase nada. Ela precisa ser cutucada, ruminada e ferida. O que sarará essa ferida?

Uma atitude. Um comportamento. Um devoramento. Uma mistura. Uma experiência.

Em alguma gaia achatada

Antes de 1707.